

*ensaio*

# Don Giovanni: a tragédia do humano

por **Newton de Oliveira Lima**

41

A ópera “Don Giovanni”, de Wolfgang Amadeus Mozart, como criação de arte, representa o que Otto Maria Carpeaux denomina de obra de arte absoluta: contém em si a multiplicidade de significados, de expressões de conteúdos que podem ser interpretados como completude de sua possibilidade expressiva, vislumbrando-se as mais inusitadas interpretações.

A crítica da forma e da linguagem musical da ópera pré-gluckiana (barroca) empreendida por Mozart levou ao desenvolvimento de uma temática textual libertada do acompanhamento da orquestração através do libreto, desenvolvido por Lorenzo da Ponte, exprimindo uma linguagem independente, realmente trágica ou cômica variável pela expressão do artista, como se pode exprimir em uma verdadeira música de fundo simbólico e teatral tal qual a ópera.

Assim, do ponto de vista formal-musical, “Don Giovanni” (como posteriormente a “Flauta Mágica”) representa a coroação do esforço mozartiano, dentro da trilha lançada por Gluck, de realizar a reforma da ópera, separando-a em definitivo do bel canto operístico de origem italiana.

A desenvoltura de “Don Giovanni”, de sua expressão lírica e tragicômica, de seu estilo formal e seu conteúdo expressivo, resume e possibilita o que seria a ópera no Século XIX: criação do romantismo operístico com a influência que causou na ópera italiana.

Pode-se dizer que da “Flauta Mágica” procede a ópera alemã, e de ‘Don Giovanni’ advém a ópera italiana no Século XIX. A influência que Weber, Beethoven, Rossini, Verdi, Wagner, dentre outros, receberam do “Mestre de Salzburg” foi marcante.

A 'Flauta Mágica', mais que "Don Giovanni", representa os ideais iluministas e maçônicos de Mozart, porém, o drama existencial de "Don Giovanni" supera o daqueloutra ópera, e a partir dele é que iniciamos a análise da significância, para Mozart, do que se entende por espiritualidade.

O conteúdo do libreto da ópera encarna a vida de Don Juan de Silva, proverbial e talvez lendário nobre e aventureiro espanhol que teria seduzido milhares de mulheres por toda a Europa. Ora, a vida hedonista de Don Juan aparentemente expressa a falta de sentido do personagem, mero conquistador de mulheres sem maior interesse que os causos não muito originais de experiências sexuais e amorosas.

No entanto, analisando-se do ponto de vista sociológico, a ópera reflete a crítica da sociedade estamental pré-industrial, onde a nobreza detinha o poder político e parcela do poder econômico e, mesmo em decadência por sua crescente falta de função social, ainda espoliava o campesinato e parte de uma casta de servos que ainda restava - Leporello, o servo de Don Giovanni, é o emblema do povo explorado e degradado em sua consciência pela servidão incondicional ao amo.

A crítica social da espoliação, Mozart resolve com a colocação do problema da efetividade da justiça: as damas Dona Elvira e Dona Ana, auxiliadas pelo marido desta última, Don Otavio, empreendem um plano de vingança contra Don Giovanni por este haver matado o Comendador, que defendera a filha Ana da desonra contra ela assacada por Don Giovanni.

O plano da justiça ascendente sobre a individualidade pecadora reforça a natureza dual da concepção da redenção dos pecados inserta na obra: se por um lado Don Giovanni é punido no penúltimo ato da ópera com a condenação ao inferno, ele sofre, assim, a justiça divina, que é a conclusão do plano de justiça dos demais personagens contra ele, segundo plano de desenvolvimento inserido na ópera.

A crítica da justiça humana é patente: somente a intervenção divina pode ser a justa medida e eficaz punição contra Don Giovanni, que foge a todas as tentativas de captura e punição empreendidas por Massetto, Don Otavio, Dona Ana, enfim, os homens não vencem a astúcia do mais sagaz dos humanos, Don Giovanni.

Percebe-se a centralidade da contraposição entre humanismo e transcendência espiritual: somente esta última dá finalização ao empreendimento do espírito subjetivo de por o mundo em ordem, de punir os maus e recompensar os bons, somente a Justiça divina plenifica e completa a humana, o que é expressão da incompletude humana em seu anseio por completar-se no orbe espiritual, como assevera Max Horkheimer (*in* "A nostalgia do Totalmente Outro"): "Nostalgia de uma perfeita e

consumada justiça. Esta jamais será realizada na história; de fato, mesmo que uma sociedade melhor substituísse a atual desordem social, jamais reparada a injustiça passada, nem eliminada a miséria da natureza humana.”

A dramaticidade da penúltima cena, com o diálogo entre Don Juan e o Comendador que volta para puni-lo, é a expressão da tragédia da existência da subjetividade, e a proposta de perdão do Comendador para Don Giovanni arrepende-se, seguida da recusa deste último, revelam que até o fim ele foi o nobre perfeito: seguro de seus privilégios e de sua posição, não havia dor de consciência em sua atitude, fez o que fez porque era um dever e privilégio de sua condição, a de moldar a realidade a seu talante; sentindo-se uma parte da natureza, não havia porque conceder pálio à justiça divina: a consciência cristã de igualdade lhe era estranha.

Assim, Don Giovanni representa o humano por excelência, com todos os vícios, defeitos e exacerbações a que a individualidade está sujeita, encontra-se ele em contraposição ao divino, à moral, ao cristianismo. Ele é a “desordem” e a “imperfeição”, imagem do homem e do mundo tal qual eles são, em contraposição ao ideal de perfeição e de ordem expressos religiosamente.

Don Giovanni é a individualidade criadora e próxima da natureza com sua exuberância e concepção “aristocráticas” da vida, sua imagem é a representação do “super-homem” nietzscheriano, com a possibilidade de criar e destruir a realidade a seu talante, de recriar valores e transformá-los em novos mediante sua objetividade insere no “mundo criativo” da instintividade e da emoção.

Don Giovanni e sua individualidade - a individualidade de todos nós superestimada, idealizada, a conotação exagerada, irracional e egoísta da subjetividade. Aparentemente, somente isto se pode perceber das atitudes do nobre espanhol sedutor de mais de mil mulheres. Aqui começa a análise do significado da outra face de “Don Giovanni” que Mozart buscava expressar, a face da valorização da personalidade e dos valores “nobres” por sobre os “valores plebeus”, concedendo um entendimento nietzscheriano à questão.

Todavia, Don Giovanni representa bem mais, representa a individualidade humana em geral, a individualidade que quer se firmar a todo custo, contra a opressão, contra a alienação, contra a falta de sentido do cotidiano, contra a massificação da existência, a pré-determinação da vida em moldes “mercadologicamente acabados”.

Don Giovanni, sua vida, sua 'obra', são um antídoto contra o cotidiano, contra o tédio, mas acima de tudo representam a alegria espontânea de viver, a despreocupação com os meios e os modos em prol da liberdade, em função da existencialidade, do predomínio da busca de valores e momentos novos e criativos, são a oposição radical à medianidade, à mecanicidade e massificação; são o contraponto da falta de nobreza, de ausência da largueza de espírito a que sociedade industrial relegou o homem moderno.

Analisado por este ângulo, o fracasso de Don Giovanni é a representação do fim da individualidade e a vitória da massificação. Quando Don Giovanni canta a liberdade na cena vinte e sete, ocorre uma diferenciação da liberdade cantada pelos coadjuvantes da ópera na última cena, o que implica dizer que a liberdade dos mesmos foi a conquista da liberdade da vivência e do estabelecimento da igualdade, ao passo que a de Don Giovanni era a liberdade 'aristocrática da criação', da vivência e criação de valores, tal como apregoava Nietzsche.

Aliás, a formação iluminista de Mozart, expressa na glorificação da liberdade na última cena, na instauração do "reino da justiça" após a derrota de Don Giovanni, é a expressão do ideário racionalista o século XVIII, de que o igualitarismo e a justiça deveriam sobrepujar a desigualdade, a injustiça e a aristocracia até então reinantes.

A derrota de Don Giovanni é a imagem do fracasso do aristocratismo. Em última análise, a espécie de "cristianismo iluminista" defendido por Mozart, era a convocação (ou exaltação) da Era Contemporânea com o fim da sociedade aristocrática e a propugnação da sociedade igualitária, que culminou na sociedade democrática e liberal pós-moderna. Em "Don Giovanni", a representação patriarcal, artística, nobre, da figura do protagonista está em todo o drama em conflito com a tendência igualitarista, plebéia e anti-criativa dos coadjuvantes.

Fazendo a comparação da díade Don Quixote/Sancho Pança e Don Giovanni/Leporello, o que para os protagonistas eram valores positivos, para os antagonistas, seus criados e companheiros das intermináveis aventuras, eram valores negativos. Reside aqui a expressão do que Nietzsche entende por oposição entre valores cristãos/plebeus e aristocráticos/artísticos. Assim como Cervantes criticou e retratou o fim do medievalismo em "Don Quixote", Mozart representou em "Don Giovanni" o fim da sociedade estamental.

Dom Quixote de la Mancha, com seu poderoso idealismo buscava superar o realismo apático da existência cotidiana, do *non sense* efetivo da vida massificada, que Sancho Pança queria vivenciar. Don Giovanni, com sua "imoralidade tremenda" procedia a uma "crítica fática" da hipocrisia dos costumes humanos: sua sedução a

Dona Elvira ferira o orgulho de uma mulher possessiva que foi desprezada; sua sedução a Dona Ana revelou que ela em realidade não amava o marido, o qual, no decorrer de vários momentos da ópera, mostrou não amar, mesmo ele tendo sacrificado-se por ela.

A verdadeira moral zomba da moral, disse Espinosa, e que moralidade é essa que se aferra a pressupostos formais e exteriores, não resistindo a um sedutor ? O que fica patente no confronto entre a moral cristã e o hedonismo de Don Giovanni é que os bons não são tão bons assim, nem que existe tanta pureza nas virtudes aparentes. Estaria Nietzsche correto?

Mas seriam realmente os valores cristãos plebeus e os valores aristocráticos os efetivamente estéticos e verdadeiramente livres? É possível se cogitar de liberdade artística frente aos dogmas da religião, ou de liberdade de expressão ante à massificação da sociedade industrial?

Nesse modesto espaço não se pode efetivamente responder a essas questões, mas a crítica aos pressupostos liberais, iluministas, cristãos e racionalistas de Mozart pode e deve se lastrar no vislumbamento de que a sociedade moderna encontra-se cada vez mais massificada, que a criação da existência e da arte encontram-se ameaçadas pela ausência do *esprit du creation*, que outra coisa não é que o enfraquecimento da individualidade, da substancialidade da vida espiritual, do esvaziamento dos valores absolutos, do “Espírito Absoluto” (religião, moral e arte) hegeliano.

A massificação não se refere somente à uma espiritualidade transcendente, que efetivamente o racionalismo neutralizou, como bem coloca Max Horkheimer (*in* “A nostalgia do Totalmente Outro”), mas da individualidade de existência, da percepção da vida por outro ângulo, fora dos padrões de mecanicidade e utilitarismo que a sociedade industrial relegou o homem moderno.

Assim, o homem moderno, devido à mecanização, está mais para máquina laboral do que para sujeito criacional e existencial. Aqui, então, reside a importância da ópera “Don Giovanni”: a apologia da liberdade de existência e, dentro da interpretação crítica que se pode fazer do ideário mozartiano, o entrelaçamento das duas linhas da expressão da liberdade humana: a linha criativa-aristocrática, e a linha cristã-essencialista, que busca valores essenciais.

Ora, a interpenetração de ambas, propugna por uma vivência da individualidade plena, que seja a expressão de um homem mais completo, que não reflita o interesse de classe, nem uma forma específica de egoísmo, nem de uma pura racionalidade

individualista, mas que seja o homem plúrimo da criação de valores com base em uma acepção a um tempo essencial, social e existencialista, que esteja além de um Don Giovanni para superar o egoísmo e possa mais que um Leporello, suplantando a mediocridade e a massificação.

Abstraindo do contexto social específico da sociedade estamental, e da negativa simbolização hedonista e aristocrática em que Mozart situou Don Giovanni, este representa um protesto do indivíduo contra a massa, da liberdade de existência e de criação contra a mecanização da vida, e porque não vislumbrar nele a figuração da Cultura como um fator de contraposição ao tecnicismo e a limitação das possibilidades do homem pós-moderno, para nele se vislumbrar um indivíduo autêntico, expressão de protesto contra o fim da individualidade, tal como o “super-homem cultural e estético” nietzschiano, um ‘aristocrata da Cultura’ orteguiano ou um “homem pensante” adorniano.

“Don Giovanni”, expressão da tragédia da humanidade em conflito intestino pelo choque de valores, e da angústia pelo contato com o Transcendente, é a tragédia do humano em sua inteireza, com a voz de Deus e dos homens dialogando na busca do sentido da existência, da verdade do Ser, da redenção final ou da perdição eterna.

O fim da individualidade exprime-se a frase do Comendador, *tempo non ai*; sejamos como Don Giovanni: resistamos até o fim, para podermos morrer como homens, e não nos perdermos na mecanização infinita e auto-suficiente, que descarta os erros e os pecados humanos, demasiadamente humanos, requerendo apenas iguais máquinas de consumo e produção.

---

**Newton de Oliveira Lima** é professor universitário e escritor. Mestre em Direito pela UFRN.